

A Organização Internacional do Vinho e da Vinha, OIV, não autoriza seu uso, mas a legislação da Argentina permite o emprego na limpeza da adega e seu material. Segundo a Organização Mundial da Saúde, OMS, a dose máxima que uma pessoa pode ingerir é de 0,3 miligramas por quilo de peso. Os vitivinicultores argentinos alegam que uma pessoa com 60 quilos teria que tomar 3.300 litros diários de vinho contaminado para sentir algum efeito negativo.

Os argentinos têm outro argumento: a Bayer fabrica um produto estabilizador chamado Velcorin, que pode ser utilizado no vinho. Mas ele se decompõe em outras substâncias, entre as quais o metanol, um veneno para o organismo humano.

Os produtores argumentam que a contaminação com natamicina foi acidental, devido às quantidades mínimas encontradas nos vinhos analisados. Mas o fato é que só a China e a África do Sul permitem o uso da substância em seus vinhos. Além disso, técnicos argentinos admitem que, em um número pequeno de amostras, a quantidade não era tão reduzida assim...

Mas o fato é que o assunto “morreu” na imprensa argentina e de outros países, que não fizeram novas reportagens depois de fevereiro deste ano. Na época a presidente da Wines of Argentina, Susana Balbo, garantiu que seriam tomadas providências para evitar novos episódios de contaminação, já que a apreensão dos lotes importados pela Alemanha causou grandes danos à imagem dos vinhos argentinos no mercado europeu.

O requerimento de informações ora proposto visa, dessa forma, a obter esclarecimentos sobre exames laboratoriais realizados nos vinhos argentinos liberados para serem consumidos no Brasil,

Sala das Sessões, em

GERSON CAMATA